

DOSSIÊ: GÊNERO, MEMÓRIAS E NARRATIVAS 2

*O passado não conhece o seu lugar...
Está sempre presente...*

(Mário Quintana)

OUTRAS MOLDURAS PARA MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Para esboçar a apresentação da segunda edição do Dossiê “Gênero, Memórias e Narrativas” optamos por não retomar conceitos, ou mesmo quaisquer elucubrações teóricas em torno do processo cognitivo que desenha nossas memórias, o que fizemos na edição do primeiro Dossiê, em que abordamos as várias estratégias adotadas pelos indivíduos, tanto para inibir a evocação de certas memórias, como para ludibriar e deixar de lado outras tantas (IZQUIERDO, BEVILAQUA & CAMMAROTA, 2006).

Aqui, não nos interessa aferir medições em torno do quanto essas memórias guardam de elaborações pessoais ou coletivas, nem tampouco mensurar o quanto a emoção e os afetos imprimem, ora um tom mais vívido, ora um tom mais desbotado, nesta ou naquela narrativa. Pretendemos tão somente dar sequência às reflexões produzidas a partir das discussões realizadas em cada encontro semanal, durante o semestre letivo de 2017.2, em que a leitura dos textos evocava a presença de pessoas, fazia assomar sentimentos e reviver situações que as/os autoras/es eram impelidas/os a compartilhar com o grupo. Naqueles momentos, buscávamos entender a nossa própria história, quem éramos e como nos situávamos no mundo, nossos pertencimentos, mas também alijamentos e invisibilidades, que certamente traziam à tona dores antes silenciadas ou mascaradas, ao mesmo tempo em que a escuta atenta e afetuosa operava uma catarse e nos fortalecia para verbalizá-las e superar desafios, o que aproximou alunas/os e professoras.

Antes de começarmos a organizar o Dossiê, enviamos e-mails e mensagens por WhatsApp, recorremos ao MSN, transmitimos recados no Instagram ou Facebook.

Afinal, no encerramento da disciplina, entre abraços, muitos sorrisos para as fotos e lágrimas mal disfarçadas, aventamos a possibilidade de organizar uma coletânea que, por motivos alheios à nossa vontade e uma série de compromissos profissionais, foi sendo postergada e resultou na proposta de transformar a coletânea pretendida em um dossiê temático, cuja publicação foi proposta à Revista Feminismos. Em suma, mais do que socializar como se deu o processo de produção de conhecimento, queríamos partilhar com as/os leitoras/es os escritos e, assim, preservar nossas próprias memórias. Afinal, como ponderam Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota (2006, p. 294): “A melhor forma de manter viva cada memória em particular é recordando-a”.

Nesse sentido, lançamos o desafio de Margareth Rago (2013): quem encararia a aventura de contar-se, revisitar feminismos e revolver a tessitura de suas próprias subjetividades? Finalmente, quem ousaria dedicar-se à escrita de si?

No artigo “*Mulher Negra, Memória e as barreiras na construção de um Projeto Profissional*”, Doranei Alves compartilha as lembranças resguardadas nos recônditos da memória e despertadas ao cursar a disciplina Gênero e Memória, cuja narrativa centra em episódios de racismo vivenciados e os muitos desafios enfrentados para concretizar o seu Projeto Profissional, ingressar e permanecer no espaço acadêmico, cursar uma pós-graduação enquanto mulher negra e pobre, trazendo-nos alguns exemplos de situações em que lhe foi transmitida a mensagem de não pertencimento ao espaço da academia, isto é, das tantas tentativas de lhe instalar uma sensação de “não lugar”, conforme nomeia a autora Grada Kilomba (2019).

Em seguida, Dayane Assis (Nzinga Mbandi), Rodrigo Márcio Santana dos Santos e Viviane Vergueiro, registram suas *“Memórias de trajetórias educacionais através de dinâmicas interseccionais”*, ao mesmo tempo em que nos revelam descobertas, temores, discriminação e racismo cotidianos, mas também amores e libertação ao se proporem exercícios de compreensão em torno das dinâmicas violentas engendradas pelas intersecções de classe, gênero, raça-etnia, orientação sexual e identidade de gênero, entre outras.

Carolina Barbosa de Lira se debruça sobre a produção artística de duas atrizes negras atuantes em Salvador/BA em *“Feminismo negro em cena: trajetórias, criações e narrativas”*, com o intuito de investigar de que maneira o feminismo tem impactado o processo de construção de um trabalho autoral. Ao entrevistar as atrizes, a autora identifica que a partir do momento que elas adquirem *“a consciência de quanto seu corpo também é colonizado, que sua mente também é...”*, conforme pondera uma das entrevistadas, elas passam a investir numa arte engajada, referendada em suas próprias experiências, de modo a desvelar e combater os estereótipos ou *“imagens de controle”*, denunciando a natureza interligada de raça, gênero, classe e a política sexual.

Na sequência, Nélida Pereira dos Santos nos conta *“Sobre o dia que enxerguei minha avó – Uma narrativa de vivência, violência e sobrevivência”*, ao relatar uma visita feita à avó paterna, ocasião em que se dá conta do quanto fora incapaz de enxergar a avó durante anos, ou seja, desnuda a solidão e abandono das mulheres idosas, ao mesmo tempo em que reflete sobre como se afastara quando jovem e contribuíra para invisibilizá-la, legitimar sua inferioridade como mulher e, mais ainda, como mulher idosa. Todavia, repete para si mesma, talvez para procrastinar a sua/nossa capacidade de exercitar o esquecimento, após retornar à capital e realidade cotidiana: *“Sororidade querida, é preciso ter sororidade!”*.

Joana Brandão Tavares, autora do próximo artigo, intitulado *“Pisada de cabocla: capoeira como veículo de ancestralidade, memória e resgate feminista da história”*, investiga quem são e como jogam a capoeira na roda da vida, com o objetivo de respaldar a realização de um documentário sobre duas jovens capoeiristas

negras em Salvador/BA, que trama a conexão entre suas vivências e memórias individuais com as várias dimensões da prática da capoeira na contemporaneidade. Para a autora, o documentário, ao escrutinar a memória, nos revela a importância de reconhecer a influência da relação entre o que pode ser dito e ouvido, mas também permite deslindar a dimensão dialética da memória, que se refaz em contextos distintos, pois sua tessitura menospreza a fixidez, perenidade, ou seja, a memória se constitui de *“processos intermitentes, afetivos e subjetivos”*.

Isabelle Priscila Carneiro de Lima compartilha conosco o texto *“Alexandrina e Lozinha: duas gerações e (quase) nenhum diálogo”*, em que nos leva a refletir sobre a relação entre mãe e filha, ao mesmo tempo em que enfatiza formas de pensar e se comportar antagônicas que, não por acaso, instalam um suposto desacordo entre elas: há uma subversão da ordem quanto aos padrões estandardizados adotados por mãe e filha, isto é, os papéis consuetudinários desempenhados pelas mulheres da década de 1950 e 1960 serão encenados por Lozinha, a filha, esposa-mãe-dona de casa, hoje com 57 anos, e não por Alexandrina, a mãe, que aos 72 anos, ainda é taxada como transgressora e alvo de críticas dos filhos *“quando resolve usar o seu batom vermelho ou sua calça apertada”*. A autora conclui que, embora Lozinha e Alexandrina pouco se identifiquem, elas se completam, isso porque a libertação de Alexandrina não seria possível se Lozinha não tivesse desde muito jovem assumido os afazeres domésticos e cuidados com os irmãos mais novos.

Na sequência, Raquel Pimenta, no artigo intitulado *“Maternidade, políticas públicas e condições de permanência no mercado de trabalho: narrativas de mulheres-mães-trabalhadoras”*, a partir do relato de duas mulheres-mães cujos filhos percebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC), nos leva a refletir sobre como muitas mulheres enfrentam dificuldades que tornam irreconciliável o exercício de atividades laborativas e a maternidade, uma vez que não encontram suporte no Estado, seja devido ao colapso e precarização crescente das políticas públicas, seja devido ao apoio familiar e comunitário insatisfatórios, além de omissão paterna, acesso cada vez mais difícil à renda uma vez que as mães têm que *“escolher”* entre

trabalhar ou cuidar do filho, entre outros elementos que compõem o cotidiano dessas mulheres e, segundo a autora, somente podem ser superados com uma ampla discussão sobre as políticas públicas e a urgência da ampliação e universalização de acesso, mas também sobre a transversalização de gênero nessas políticas, o que se revela um grande desafio dado o avanço do conservadorismo e inequívoca redução dos direitos sociais.

No último artigo, a autora Gabriela Monteiro nos apresenta o provocativo artigo intitulado “‘A coragem de ser’ trabalhadora rural nordestina: narrativas de mulheres teimosamente viventes”, em que toma o conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw (2015), com o intuito de enunciar um contradiscurso hegemônico e nos confrontar “com duas grandes vias discursivas hegemônicas referentes à categoria das trabalhadoras rurais nordestinas: ou nos deparamos com sua não-existência ou com sua estereotipização (uma tática perversa de destituir existência e dignidade)”. Nesse sentido, a autora provoca: A normatividade é uma invenção a que somos induzidos a validar e, a construção de nossas próprias subjetividades é influenciada pelos modelos que nos são servidos – e instados, ainda que a contragosto, a adotar. Desse modo, Gabriela Monteiro nos convoca enquanto leitoras/es a desafiar o modelo ideológico dominante e tecer uma aproximação com o pensamento feminista negro que, além de gerar consciência, afirma, rearticula e propicia um veículo para expressar em público uma consciência que muitas vezes já existia, ainda que em estado latente. Todavia, incansável, deixa mais uma provocação, desta feita para as feministas acadêmicas: na última edição de um prestigiado seminário internacional de estudos de gênero e feministas, a autora e Verônica Santana inscreveram juntas um artigo, mas a última foi recusada pelo sistema de inscrição devido à ausência da titularidade exigida para apresentar um trabalho no espaço acadêmico. Veemente, Gabriela Monteiro nos deixa mais uma provocação, qual seja, “já está mais do que na hora de pensarmos em formatos de trabalhos acadêmicos que reconheçam essa coautoria, mecanismos que limitem a autopromoção e a apropriação intelectual, o ativismo *self made* e o intelectualismo carreirista”.

Finalmente, cabe destacar que alguns artigos ficaram de fora desse Dossiê: A autora, Arlete Lobo Reis, com criança recém-nascida, viu-se impossibilitada de revisar o artigo “*Memórias de uma mulher à frente do seu tempo: Benedita Antera da Silva, minha avó*”; o intrigante artigo de autoria de Luísa Gabriela Santos, intitulado “*Nildes Sena: narrativas de auto inscrição de uma artista de corpo encapoeirado*”, cuja publicação foi inviabilizada pela ausência de autorização das fotos performáticas utilizadas ao longo do trabalho, bem como como o sensível e delicado texto de Sandra Mara Leal Senna, intitulado “*Memórias e narrativas de uma vida Severina*”, cuja autorização de dois coautores não chegou a tempo e, o registro sobre *A Participação das Mulheres no Movimento Feminino pela Anistia — Um estudo sobre o Núcleo Baiano*”, elaborado por Elza Argolo Correia, que não conseguiu concluir a tempo a revisão para publicação.

Entre tantas memórias e narrativas, umas se perderam, outras tomaram diferentes rumos e algumas, como as narrativas de Leonellea Pereira, alçaram voo solo e em breve estarão nos encantando com sua “Alquimia do barro: as artenarrativas das mulheres ceramistas da comunidade da Passagem – Barra/BA”, em fase de publicação. Enfim, convidamos as leitoras/es da Revista a percorrerem as páginas do nosso Dossiê e, assim como nós, redescobrirem o quão complexa e bela é a arte de produzir narrativas e manter acesa a chama das novas memórias de uma geração para outra. Boa leitura!

Márcia Tavares e Josimara Delgado

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Porque a interseccionalidade não pode esperar. Tradução de Bia Cardoso. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2015/10/05/porque-a-interseccionalidade-nao-pode-esperar/>. Acesso em: 10 out. 2020.

IZQUIERDO, Iván; BEVILAQUA, Lia R. M.;
CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer.
estudos avançados 20 (58), 2006.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação:
episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess
Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.